

# DOS CANTEIROS DE OBRA AO SINDICATO: A FORMAÇÃO POLÍTICA-SINDICAL DAS LIDERANÇAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE FORTALEZA SOB A ÉGIDE DO SINDICALISMO CLASSISTA<sup>1</sup>

Paula Emanuela Lima de Farias<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar como o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Fortaleza – STICCF construiu uma história de luta operária produzindo uma argamassa ideológica e consciência de classe que durante longos anos parecera o sol impossível de uma perda noite de verão. Apresentamos como a educação política se apresenta como parte desta argamassa ideológica do proletariado e da sua atividade revolucionária. Antecipamos que inspiramo-nos em Marx e no instrumental marxista com a inabalável convicção de que, no plano teórico, assim como na vida, é necessário estabelecer escolhas e definir diretrizes. Trata-se de uma discussão longa e complexa e sobre a qual não nos cabe aqui imaginar que já tenhamos em mãos todas as respostas. Temos algumas hipóteses e com elas constituímos o nosso ponto de largada: 1) o ascenso e os processos de reorganização do movimento sindical, na qual o STICCF esteve envolvido, contribuíram sobremaneira para educação política de toda uma geração de lideranças da construção civil; 2) que uma parte da vanguarda saídas das lutas do STICCF transformou-se em um destacamento avançado da classe – lideranças sindicais - responsabilizando-se, então, por sua educação política e consciência classista; 3) que o STICCF sustentou sua ideologia e consciência classista mesmo quando navegava contra a maré na qual o sindicalismo brasileiro mergulhou na primeira década dos anos 2000, mantendo a educação política de milhares de trabalhadores nos canteiros de obra, formando novas gerações de lideranças na construção civil de Fortaleza.

**Palavras-chave:** Consciência de classe. Ideologia. Educação. Sindicalismo. STICCF.

## INTRODUÇÃO

*“Assim que a classe trabalhadora, inicialmente aturdida pelo ruído da produção, recobrou em alguma medida seus sentidos, teve início sua resistência...”*  
(KARL MARX)

Está longe a época em que as questões referentes às classes sociais, aos seus estratos diversos e às suas lutas representavam um ponto pacífico como uma das linhas de força entre as temáticas que galvanizavam o interesse dos pesquisadores, acadêmicos e não acadêmicos.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto da dissertação apresentada ao PPGE-UFC no ano de 2013.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: paulaemfarias@gmail.com

De feito, a avalanche neoliberal, marcada pela noção de pensamento único (there is no alternative), que marcou (sobremaneira) os anos 1990, favoreceu imensamente o processo de estreitamento do estoque de temários interpelado pelos estudiosos, dentro e fora das instituições universitárias, a pretexto de ampliá-lo em direções outras.

Nestes últimos anos, contudo, a crise capitalista trouxe à tona, uma vez mais, a possibilidade de atração dos “velhos temas”, dentre eles os que se reportam à luta de classes em suas diversas modalidades, inclusive no que concerne aos embates operários. Aos nossos olhos, o texto dissertativo ora apresentado se coaduna a esse último aspecto relacionado à questão operária.

A característica mais marcante do presente trabalho, portanto, é que a classe operária, nestas páginas, brota como protagonista de uma história em que os processos de luta e educação (em um sentido abrangente) se interconectam e se definem a partir desse amplo diálogo. Conflitos que geram aprendizado e aprendizado que reorienta a natureza dos conflitos, eis a síntese dialética que preside as relações de classe que aqui são examinadas.

A consciência operária de que a mobilização é um instrumento imprescindível para fazer valer os direitos, antigos e novos, é uma conquista de longos anos de enfrentamento que, de um lado, colocaram os trabalhadores da construção civil da região metropolitana de Fortaleza e as suas organizações e, de outro, os empresários, as suas entidades representativas e as instituições estatais. Esse cenário é por nós visitado em cada lauda em que se espalham os resultados de uma pesquisa que conosco se fundiu e que, em seu desenvolvimento, adicionou elementos essenciais à nossa trajetória de estudiosa do problema de classe.

Já tendo refletido acerca do assunto, ainda durante a graduação, deliberamos seguir no encalço das questões que ele inspira e, por isso, o retomamos em uma dimensão de sentido mais ancho, voltando-nos agora, em primeiro lugar, para um esforço de teorização marxista mais fecundo e farrado em torno dos seus elementos mais vultosos.

São necessárias algumas palavras que amparem os que nos honrarem com a sua perscrutação. Primeiramente, o nosso objeto é o operariado da construção civil da Região Metropolitana de Fortaleza, as suas lutas e as suas formas organizativas,

especialmente o seu sindicato, no marco da formação das suas lideranças; em suma, o seu processo de educação política. Em segundo lugar, a escala de tempo com a qual trabalhamos é essencialmente a do período que coincide com a vitória de uma oposição classista no sindicato, em 1988, até aproximadamente o triunfo e o estabelecimento do governo de frente popular conduzido por Lula da Silva, 2003 à 2010. Em terceiro lugar, o material que nos serviu de base para uma reiterada problematização do tema, além de textos teóricos de inspiração marxista como Bensaid, Bukharin, Mandel, e outros abordando o cotidiano e os confrontos operários, pode ser resumido nos jornais e panfletos do sindicato dos trabalhadores da construção civil, em seus documentos gerais (estatutos, fotografias entre outros.), além de textos originados na chamada “grande imprensa”. Sem dissimular as dificuldades, também nos firmamos nas fontes orais (depoimentos e conversas pessoais), indispensáveis no preenchimento de inevitáveis lacunas.

Que as personagens que se vejam no espelho dessa história não se olhem sem se reconhecer.

## **CLASSES SOCIAIS, CONSCIÊNCIA DE CLASSE, IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO COMO CATEGORIAS EXPLICATIVAS.**

*“A vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que levam ao misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e no ato de compreender essa práxis”*  
(KARL MARX).

A formação das mentes é um processo longo e complexo e, invariavelmente, implica em mudanças e permanências. Certas categorias cumprem um papel fundamental em tal trajeto histórico-concreto e podem contribuir – de um modo e de outro – nos processos indicados. Aqui, a luta dos trabalhadores exerce um papel protagonista. Analisá-la significa, entretanto, retomar marcos categoriais que, no último período, em geral, foram negligenciados; subestimação perceptível principalmente em trabalhos cujos autores se incumbiram de temáticas que, se bem observado, apresentaram pontos de contato com o nosso objeto.

Com o passar do tempo, categorias como as de classes sociais, consciência de classe, ideologia e educação (como práxis) pareciam ter as suas pontuações refluídas e – hipoteticamente - se mostravam incapacitadas a desenhar quadros mais luminosos e, progressivamente, foram sendo relegadas a um segundo plano. A aparência parecia

subjugar a essência. Exposta à luz e à controvérsia, no entanto, esse modo de tomar a questão carece de fundamentações mais vigorosas.

Nesses termos, é que voltamos a essas âncoras categoriais com vistas, não só a revisitá-las e assim seguir o processo de formação das mentes, mas, concomitantemente, como uma via indispensável para um estudo teoricamente fundamentado das experiências de luta levadas a cabo pelos que vivem da venda da sua força de trabalho.

Durante quase meio século, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil - representante legal dos operários dos canteiros de obra de Fortaleza – veio caminhando, mas não como a sombra de uma pessoa e sim como a sombra de uma instituição, a quem sempre faltou vida, a quem sempre faltou vigor. Por tanto tempo, a coisa não poderia ter andado pior. Os trabalhadores faziam a comida num canto do muro, comiam no capacete e bebiam água não-potável. Quando, inesperadamente, pipocava um conflito, ele logo era contido dentro do mais estreito limite.

Paradoxalmente, a entidade sindical, no entanto, seguia caminhando como a sombra de uma instituição imóvel. Nesse sentido, a questão verdadeiramente importante a ser aqui apresentada é como essa comédia de erros pode ser superada e a história operária pode produzir outra argamassa ideológica e reconfigurar uma consciência de classe que durante longos anos parecera o sol impossível de uma perdida noite de verão.

À primeira vista, parece não restar dúvida de que a vitória político-sindical de uma oposição classista determinou uma mudança de rumo na história do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil da Região Metropolitana de Fortaleza.

Fundado em 1940 e reconhecido legalmente desde 1941, no auge do “Estado Novo” de inspiração getulista, somente em 1989, no marco da gestão vitoriosa no pleito sindical ocorrido meses antes, é que a entidade comandou a primeira greve geral da categoria. Não que antes disso não houvesse ocorrido uma e outra escaramuça entre trabalhadores e patrões, fato objetivamente recorrente nas relações conflituosas entre capital e trabalho; mas, até então, não se dera nada assemelhado com os acontecimentos de 1989, quando pedreiros, serventes e demais segmentos destes trabalhadores, organizados pelo sindicato, paralisaram em massa os canteiros de obra, ganharam as ruas e se manifestaram amplamente em defesa das suas reivindicações mais imediatas.

Ademais, o ano de 1989 constituiu um ano-chave para a classe trabalhadora brasileira. É o ano da greve geral de 48 horas que moveu 35 milhões de trabalhadores espalhados pelo país. Cumpre lembrar que aí se desenrolou um dos ascensos, sindical e político, dos mais poderosos da história do Brasil.

Era o corolário de um processo que se descortinou em 1978 e que, decorrido pouco mais de um lustro, se expressou em vermelho vivo pelos espaços públicos de um país que se desacostumara de tais desenvolturas desde que a ditadura militar-empresarial fora implantada sob a égide do golpe de Estado de 1964.

Por tudo isso, deu-se, de feito, a rearticulação e reordenamento dos sindicatos à luz do agigantamento das lutas e da proliferação e avanço de oposições sindicais que apontavam para além do restrito horizonte legado pelo período histórico imediatamente precedente. Em outras palavras: esse foi o processo de reorganização do sindicalismo brasileiro que, em última análise, resultou da explosiva combinação de um dos maiores ascensos já constatado na história do movimento sindical do país e das vicissitudes de um poder ditatorial em declínio vertiginoso.

Esses aspectos se relacionam uns com os outros e estabelecem a paisagem social que serve de pano de fundo para emergência dos operários da construção civil de Fortaleza como atores de indiscutível relevância no tablado sócio-político da cidade de Fortaleza.

Assim sendo, é também a partir dessa perspectiva que se pode entender como um pequeno agrupamento político de vanguarda veio a cumprir um papel decisivo na estruturação de uma oposição, mais vasta que as suas forças, que deu cabo da velha diretoria com os seus antigos métodos de colaboração de classe.

O grupo que conseguiu aglutinar diferentes elementos de oposição foi o Coletivo Gregório Bezerra (CGB) que, desde janeiro de 1988, desenvolveu esforços rotundos com vistas a fortalecer essa alternativa aos situacionistas encastelados na entidade sindical.

Esse foi o primeiro passo de uma caminhada.

Entre ele e a primeira greve geral da categoria houve mediações muito importantes e muitas tarefas hercúleas tiveram que ser executadas, dentre elas a vitória

oposicionista no pleito sindical, a posse da nova direção da entidade e a organização de um plano para retirar a categoria dos trilhos enferrujados de uma estratégia de colaboração de classes. Eis a âncora de uma história que ali começou e prosperou debaixo de um novo marco categorial: o classismo.

Sem forçar o contraste, estabeleceu-se aí um divisor de águas que, com justeza, deve ser resumido – em um sentido mais abrangente e prático – em dois pontos: a eleição de uma direção classista para comandar o sindicato e a realização de uma campanha salarial em novos moldes – apostando na ação direta e no confronto entre trabalho e capital.

Esses dois pontos, por si, já contrastavam vivamente com o cenário que marcou a história da categoria e da sua entidade representativa ao longo de quase cinquenta anos. Com os seus significativos efeitos sobre os trabalhadores, tais mudanças representaram o marco zero de uma trajetória.

Em 1988, o Coletivo Gregório Bezerra (CGB) conseguiu estabelecer um diálogo com uma parte da vanguarda e desse encontro se produziram as condições que geraram a chapa de oposição e abriram as comportas para a edificação de um novo cenário social e político entre os trabalhadores.

Quer dizer: da simbiose entre o Coletivo e uma parcela da vanguarda que surgiu entre os trabalhadores brotou o material humano que levou a cabo uma transição fundamental entre os operários da construção civil de Fortaleza. Essa transição esteve na base de uma processualidade histórica que se traduziu no terreno da consciência coletiva do operariado e na afirmação de uma nova âncora ideológica.

O surgimento do fenômeno de uma vanguarda entre os operários da construção civil pode ser explicado a partir de um elenco de fatores: a ofensiva patronal-governamental contra as condições de vida dos trabalhadores, expressa em diversos planos econômicos; a conjuntura de ascenso político-sindical, as situações agudas e crônicas de insatisfação entre os trabalhadores da construção civil, derivadas da inércia dos líderes sindicais e dos seus tribofes com os empreiteiros e a eclosão de pequenas escaramuças nos canteiros de obra.

Esses fatores, combinados certamente com outros elementos peculiares a determinadas estruturas de trabalho, estão na raiz da emersão de um destacamento

avançado entre os operários. O mérito do CGB foi ter localizado o fenômeno, procurando se situar por dentro e não por fora dele, dialogando com as suas franjas mais dinâmicas e projetando um sistema tático para desenvolver todo potencial de forma concentrada e estratégica.

Dessa maneira, um pequeno agrupamento político de esquerda cumpriu um papel relevante no processo de fazer com que o setor do operariado da construção civil de Fortaleza pudesse empalmar com os elementos mais ativos de uma situação histórica trespassada pelo signo das lutas sindicais, estudantis e populares. Para tanto, esse grupo entabulou acordos com ativistas que vinham de uma militância em grupos da igreja católica e se apoiou na Central Única dos Trabalhadores (CUT), cuja trajetória ofensiva, naquele momento, era um dos signos mais veementes da conjuntura política.

De feito, o coletivo não se agarrou na contracorrente da história, mas no fluxo mais vigoroso das lutas sociais em curso. Essa postura lhe reservou um lugar essencial em todo esse processo. Sob diversos aspectos, a categoria mudou radicalmente a sua relação com os patrões, com os poderes instituídos e com os demais segmentos da classe trabalhadora. Em outras palavras: os trabalhadores da construção civil alteraram o seu lugar na cidade de Fortaleza, bem como modificaram essencialmente a natureza da sua atividade.

Ainda que essas mudanças substanciais não tenham se processado automaticamente e num breve lapso de tempo, a sua senha se originou precisamente no período que agora comemoramos.

Eis uma parte dessa história. Ela não teria sido possível sem a insubordinação espontânea das massas operárias que, naqueles anos, começava a grassar “no escondidinho” dos canteiros de obra. É instrutivo comparar essa explosão quase silenciosa do operariado com o som agudo das palavras de ordem que vinha do exterior do chão da obra e aí dentro reverberava. Sem ela não seria possível se pensar em uma independência classista.

No tocante à categoria dos trabalhadores da construção civil, podemos ver que um novo dispositivo mental foi sendo gestado e construindo uma nova postura: frente aos seus direitos, pleiteando-os com vigor; no terreno da ação direta, adotando métodos radicais de luta com vistas a alcançar os seus objetivos; diante do tronco ideológico

empresarial, antepondo-se a sua sanha hegemônica; em uma perspectiva de prazo mais alongado, assumindo novos vínculos ideológicos, agora consentâneos com os seus interesses e necessidades; lançando nomes da categoria nas disputas eleitorais (parlamentares), ratificando os nomes dos seus representantes em concorridas assembleias; alia-se a aos itens anteriores, a participação em campanhas nacionais não diretamente relacionadas com as querelas imediatas típicas das campanhas salariais. Campanha contra a ALCA, contra o pagamento da dívida externa, nas lutas diversas dos movimentos sociais, etc.

A dialética histórica se move a partir de um elenco de elementos que se cruza e se articula para produzir um novo estado de coisas. No caso específico do operariado da construção civil, uma característica importante de toda processualidade guardou uma concentrada relação com a função intelectual e formativa cumprida pela entidade sindical a partir das suas lideranças. Um hercúleo processo de formação político-sindical cooperou para o alargamento da uma vanguarda mais consistente que, no percurso, assegurou a continuidade e o aprofundamento de uma experiência que vem se renovando com a passagem do tempo.

Partindo de um núcleo fundador de uma nova forma de fazer sindicalismo que foi sendo gestadas novas lideranças e que foram temperadas nas lutas dentro dos canteiros e fora deles. Esse é o itinerário de uma arquitetura de classe.

Nesse ínterim, é necessário recordar um aspecto muito decisivo: nada é mais básico em um percurso de emancipação social de uma classe do que esta se apropriar da sua própria natureza por meio de um novo entendimento que lhe permita vislumbrar um horizonte que seja capaz de lhe consentir ir além das limitações que lhes são impostas pelo domínio movido pela classe adversa.

É o eixo em torno do qual a classe dominada pode pensar em livrar-se de toda tutela que lhe é imposta pelo regime social vigente. Em outros termos: é um salto em sua consciência como classe.

Que as personagens que se vejam no espelho dessa história não se olhem sem se reconhecer.



## CONCLUSÕES

O estudo das experiências dos operários da construção civil de Fortaleza demonstra (mais do que antes) que a potência e a robustez da noção de luta de classes constituem um fato mais durável do que imaginavam os seus detratores.

Descrita em cores muita viva, a luta de classes segue como um ponto de partida e um critério absolutamente legítimo para reconstituição de estudos sobre os diversos agrupamentos que se organizam e definem o seu lugar no tabuleiro de uma sociedade em que as peças nunca estão no mesmo lugar.

O trabalho que, neste ponto, se finaliza, procurou captar a exata ocasião em que um agrupamento de classe – os operários da construção civil de Fortaleza – moveu-se no tabuleiro a que acima fizemos referência. Esse movimento de um lugar determinado em direção a outro, que lhe era próximo e diverso, se liga indissolavelmente a uma mecânica vigorosa de perícia, preparo e instrução pela via da luta direta.

Nessa direção, quanto mais rapidamente acumula prática e saber político, mais o operariado avança na formação das suas lideranças. Essa, contudo, é uma resultante e não o seu ponto de impulso que, em regra, contém um sentido objetivo. Desta forma, nada mais natural em tais processos do que entendê-los em sua grande e complexa exaltação inicial. Essa complexidade tem contribuído para “quebrar a cabeça” de inumeráveis pesquisadores das temáticas operárias.

As condições capazes de levar a massa à fúria, estas sempre existiram. Por que essa fúria se mostra em um instante determinado e não em outro? Como essa cólera é organizada? Como esses elementos se cruzam e atuam em um processo de tomada de consciência, de educação política e formação de lideranças?

Quanto a isso, o texto dissertativo procurou captar o instante particular em que uma combinação de elementos (ascenso sindical-político, recomposição das forças organizadas, condição para o surgimento de novas direções, movimentação da base da categoria em um nível levemente diferenciado, aparecimento de líderes entre os trabalhadores e geração de uma pequena, mas importante, franja de vanguarda etc.) permitiu que houvesse uma mudança no tabuleiro social.

Quando a maré virou em seu quase absoluto e imprevisível trajeto, consciência e ação puderam ser guiadas quase que numa única direção e, desse modo, os operários da construção civil de Fortaleza foram alçados a uma situação de excelência social e política na geometria de uma cidade; cidade esta que passou a conviver com a figura do trabalhador pelas ruas e praças, gritando, se movendo, movendo o que carecia de ser movido, construindo, afinal, um novo comando e uma nova hegemonia.

A fim de ilustrar esses fatos, trouxemos à luz as relações entre esses processos e o contexto distinguido pela ascensão ao poder de um ex-líder sindical, Luis Inácio Lula da Silva. Nem as expectativas geradas por esse episódio anulou o aprendizado de que só a mobilização é capaz de assegurar conquistas aos trabalhadores.

Essas foram questões capitais resultantes da pesquisa desenvolvida e, neste lugar, expressas em toda a sua materialidade.

Sob diversos aspectos, pode-se concluir provisoriamente esta discussão; em definitivo, de modo taxativo, não. Daí finalizarmos essa dissertação com o método simples das considerações finais. E diga-se desde logo, com o devido apoio nesse entendimento: o que aqui apresentamos é mais uma senda do que um caminho definitivo. Outros pesquisadores devem seguir essa obra, que é inconclusa, e como tal, funciona como uma obra aberta.

Dizemos seguir, mas não no sentido de ter acordo com o que aqui escrevemos; seguir na acepção de imprimir continuidade, ainda que sob outros prismas, ao trabalho de desvelamento da classe operária, das suas ações, da sua aparelhagem mental em movimento, dos modos distintos em que, numa sociedade marcada pela exploração, procura gerar os seus líderes e se educar para fazer valer os seus direitos; os de ontem, os de hoje e também aqueles de um amanhã que bate com força em sua porta, mal o sol desponta, como se ouvisse o som do galo cantando em um quintal levemente distante e o qual ela ainda não consegue divisar por inteiro.

## **REFERÊNCIAS**

COSTA, Frederico. **Marxismo, história e educação**, in: Vozes da FACEDI, Fortaleza: EDUECE, 2010.

EAGLETON. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997.

- \_\_\_\_\_. **Marx estava certo**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**, in: O marxismo e os sindicatos (Marx, Engels, Lênin e Trotsky), São Paulo: Sundermann, 2008(a).
- \_\_\_\_\_. **O sistema de trabalho assalariado**, in: O marxismo e os sindicatos (Marx, Engels, Lênin e Trotsky), São Paulo: Sundermann, 2008 (b).
- LENIN, V. Ulianov. **Esquerdismo, doença infantil do comunismo**, 6ª edição, São Paulo: Global editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Que fazer** (?), Lisboa: Editorial Avante, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Uma grande iniciativa**, in: Obras escolhidas, tomo 3, Lisboa: Avante, 1982.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**, 13ª edição, São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- MANDEL, Ernest. Teoria leninista da organização. Edições Rosa dos Ventos, 1979.
- MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**, São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**, 4ª reimpressão, São Paulo; Martin Claret, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Miséria da filosofia**, São Paulo; Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O dezoito brumário e cartas a Kugelman**, 6ª edição, Rio de Janeiro, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Os pensadores**, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A sagrada família**, São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O manifesto comunista**, Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- MATOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**, São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MENDES, José Ernandi. **Trabalhadores da Construção Civil de Fortaleza: Uma História de Luta e Aprendizado de 1988 a 1991**. 1994. 292 f. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1994.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**, São Paulo: Boitempo, 2008 (b).
- \_\_\_\_\_. **Filosofia, ideologia e ciência social**, São Paulo: Boitempo, 2008 (a).
- \_\_\_\_\_. **O poder da ideologia**, São Paulo: Boitempo, 2004.
- SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo. Reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TROTSKY, Leon. **Revolução e contra-revolução na Alemanha**, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa – a árvore da liberdade**, Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1997.

ZIZEK, Slavoj (org.). **“O espectro da ideologia”**, in: um mapa da ideologia, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.